

A crise da narração de Byung-Chul Han: uma resenha crítica

Destaques

- O texto é um convite para pensar sobre o significado das nossas vidas.
- “(...) o pensamento é, em última análise, ele próprio, uma narrativa.”
- Recomendamos a leitura de a “A Crise da Narração”! Ela pode contribuir para o entendimento do mundo.

Maria Teresa Mariano¹

<https://orcid.org/0000-0002-5064-7596>

Jussara Maria da Silva Rosolen²

<https://orcid.org/0000-0003-4576-2968>

Francis Silva de Almeida³

<https://orcid.org/0000-0002-9237-6325>

Monica França Ferreira⁴

<https://orcid.org/0009-0006-2999-0353>

Geraldo Henrique Romualdo de Miranda⁵

<https://orcid.org/0000-0002-6466-3140>

Carlos Roberto Neves Chiaradia⁶

<https://orcid.org/0000-0002-7975-0917>

João Pedro Pezzato⁷

<https://orcid.org/0000-0002-9523-0954>

¹ Universidade Estadual Paulista (UNESP), Rio Claro, São Paulo – Brasil. E-mail: teresa.mariano@unesp.br.

² Universidade Estadual Paulista (UNESP), Rio Claro, São Paulo – Brasil. E-mail: jussara.ms.rosolen@unesp.br.

³ Universidade de Uberaba, Uberaba, Minas Gerais – Brasil. E-mail: francis.almeida@uniube.br.

⁴ Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo – Brasil. E-mail: mmakawetskas@gmail.com.

⁵ Universidade Estadual Paulista (UNESP), Rio Claro, São Paulo – Brasil. E-mail: geraldohrmiranda@gmail.com.

⁶ Universidade Estadual Paulista (UNESP), Rio Claro, São Paulo – Brasil. E-mail: c.chiaradia@unesp.br.

⁷ Universidade Estadual Paulista (UNESP), Rio Claro, São Paulo – Brasil. E-mail: joao.pezzato@unesp.br.

Resumo

A obra “A Crise da Narração” de Byung-Chul Han (2023) analisa a perda de narrativas coesas no mundo contemporâneo, impactando o sentido individual e coletivo. A proliferação de informação fragmentada e a cultura do *like* erodem a capacidade de narrar. Han dialoga com Benjamin e Sartre, mostrando como a tecnologia e o neoliberalismo transformam a narração em mercadoria, esvaziando seu poder de conexão e sentido, levando a uma crise da comunidade. O *storytelling* instrumentaliza narrativas para consumo, perdendo sua função terapêutica e de construção da subjetividade.

Palavras-chave: Crise. Narrativa. Tecnologia.



A obra “A Crise da Narração”, de autoria do sul-coreano Byung-Chul Han, nascido em 1959, foi publicada originalmente em alemão sob o título “Die Krise der Erzählung” e teve sua edição no Brasil lançada em novembro de 2023. A tradução para o português do Brasil geralmente ocorre alguns anos após a publicação do original. A resenha da obra se justifica dada sua repercussão, tanto nacional quanto internacional, alinhada com as discussões provocadas pelos demais títulos do autor.

A obra apresenta uma reflexão a respeito da perda de sentido no mundo contemporâneo ao levantar o problema da falta de narrativas coesas e compartilhadas que possam levar a uma crise de sentido individual e coletivo. Assim, o texto de Han é um convite para pensar sobre o que nos conecta e dá significado às nossas vidas.

Com uma escrita concisa e direta, característica do estilo do autor, a obra é dividida em capítulos relativamente curtos, com ensaios ou seções interconectadas, que exploram diferentes facetas da crise da narração na sociedade contemporânea.

Em um formato de livro brochura padrão, a obra apresenta prefácio e dez segmentos. Já no prefácio consta o registro da tese central: como a proliferação de informações fragmentadas, a comunicação instantânea e a cultura do *like* estão erodindo a capacidade de construir e compartilhar narrativas coesas e significativas.

Narração e informação são forças opostas. As informações intensificam a experiência da contingência, enquanto a narração reduz, na medida em que transforma o acaso em necessidade. Falta, às informações a solidez do ser. (...) a narração pressupõe a escuta e uma atenção profunda. A comunidade narrativa é uma comunidade de ouvintes atentos. (...) O *storytelling*, no entanto, não é capaz de reconverter a sociedade da informação desorientada e vazia de sentido em uma comunidade narrativa estável (Han, 2013, p. 13-16).

No capítulo intitulado “Da narração à informação”, o autor estabelece interlocução com as contribuições do ensaísta e crítico literário alemão Walter Benjamin, em especial com a obra “O Narrador”. Mediadas pelas reflexões do filósofo alemão, Han faz incursões que buscam atualizar o debate originário na teoria crítica com a atualidade da tecnologia das mídias digitais e da cultura da transparência constante. Aponta que as atuais tecnologias da comunicação contribuem para a ocorrência de novos fenômenos, como a polarização social, a dificuldade de diálogo, nos quais diferentes grupos não compartilham mais as mesmas narrativas de base.

No segundo capítulo, “Pobreza de Experiência”, é abordada a origem do fenômeno — pobreza de experiência — observando a lacuna entre experiências vividas e a capacidade de contar o sentido/vivência, o que leva a uma espécie de empobrecimento da vida emocional e cultural dos homens.

O terceiro capítulo, “A Vida Narrada”, examina a construção e o desenvolvimento histórico de diferentes formas de comunicação em ação, incluindo técnicas de comunicação e a influência da perspectiva do orador na perspectiva do leitor. A análise destaca, também, o impacto social e cultural da narrativa e seu papel na conexão humana e na compreensão social.

Um diálogo com a obra fundamental do existencialismo sartriano, um marco da literatura do século XX, é apresentado no capítulo quatro. Em “A Vida Desnuda”, Byung-Chul Han chama a atenção para a facticidade que permeia a vida na modernidade tardia, esvaziando de sentido a narração — atividade que, para ele, é a única capaz de superar a contingência que reduz o estado vivido a uma experiência “sem rima nem razão”. Utilizando uma argumentação pautada em antinomias bem estabelecidas, Han inicia as reflexões do capítulo recuperando a experiência de Antoine Roquentin, protagonista de “A Náusea”, romance de 1938. No texto, Roquentin narra uma série de mudanças que ocorrem sem que ele as compreenda, alterando sua relação com o mundo e com os objetos. Essas mudanças se manifestam por meio de uma “metamorfose insinuante e delicadamente horrível de todas as sensações; era a náusea” (Sartre, 2000, p. 26).

Mas o que é a náusea e por que Han recorre a esse conceito para refletir sobre a crise da narração?

A náusea é a expressão física e psicológica dos questionamentos que Roquentin elabora sobre a existência e sua falta de sentido. Sua única causa é a consciência da própria existência. Não passa da descoberta da pura facticidade, da contingência do mundo, da gratuidade do existir. Han destaca que, sob o olhar de Roquentin, “[...] desintegram-se todas as referências que seriam capazes de retirar das coisas sua aleatoriedade e sua falta de sentido” (Han, 2023, p. 60).

O vazio insuportável de um mundo que se apresenta nu, desprovido de significação, provoca a náusea sentida e repelida por Roquentin, outrossim lhe permite compreender que “somente a narração de histórias eleva a vida para além de sua facticidade, para além de sua nudez” (Han, 2023, p. 61).

Han afirma que a crise da narração atinge seu paroxismo na modernidade tardia, encarnada no e pelo neoliberalismo, que transforma a narração em mercadoria. Para o autor, vivemos uma época pós-narrativa, marcada pelo barulho incessante da informação e da comunicação. O forte apelo às narrativas diluídas e substituíveis, construídas a partir de enredos conscientes e intencionalmente elaborados, esvazia a força originária da narração. Dessa forma, a lógica da contingência despoja a vida de significação, dissolvendo a estrutura rítmica que organiza o mundo e permitindo ao capitalismo apropriar-se da narração, submetendo-a aos interesses das agendas políticas e econômicas hegemônicas.

Para Han, a atividade pós-narrativa não mantém compromisso com o momento interno de verdade próprio das narrativas que atribuem sentido à vida, que transformam o ser-no-mundo em estar-em-casa. Menos ainda com o poder de vinculação capaz de engendrar em cada indivíduo um senso singular de pertencimento ao coletivo da produção humana histórica. Em tempos de *storytelling*, a vida se torna particularmente desnuda, carente de qualquer fantasia narrativa. Na modernidade tardia, “não há horizonte narrativo para nos levar além da pura vida” (Han, 2023, p. 66), razão pela qual a construção do sentido de habitação do mundo humano se dissocia da leitura, da interpretação e da representação da vida como experiência imanente.

Do ponto de vista de Han, superar a crise da narração exige superar a obscenidade que esvazia a vida de seu sentido humano mais profundo, reduzindo a narração a um instrumento de consumo — inclusive da própria imagem, como produção permanente de si mesmo por meio das *selfies*. “Somente o velamento, o véu que se tece em torno das coisas, é eloquente e narrativo”, afirma Han (2023, p. 67). É preciso, portanto, recuperar a narração como arte, resgatando seu papel de instrumento de construção da memória, espaço de comunicação da experiência histórica do homem e, precisamente por isso, uma das condições essenciais na produção da subjetividade.

Em “Desencantamento do Mundo”, quinto capítulo, inicia com a história infantil de Paul Maar sobre um jovem que não sabia narrar. A narração requer tempo, paciência e uma comunicação desacelerada. “O ‘desencantamento do mundo’ é o responsável pela perda da capacidade de narrar” (Han, 2013, p. 78). Vivemos em tempos de informação, e ela “destrói a interioridade narrativa”, a narrativa conta uma história, traz recordação e se assemelha a memória involuntária, com referência a Marcel Proust. Citando Walter Benjamin sobre a habilidade das crianças em transformar as coisas, “uma intimidade mágica as conecta com o

mundo” (Han, 2013, p. 79). Porém, hoje elas se transformaram em “seres digitais”, atrofiando as experiências mágicas do mundo, perdendo-se a aura, o encantamento.

O capítulo é finalizado com uma história de Gershom Scholem (1897-1982), filósofo e historiador israelense, nascido na Alemanha e considerado fundador do estudo acadêmico moderno da Cabala. Sacholem destacou-se ao estudar textos cabalísticos, empregando métodos históricos e filológicos rigorosos. Em seus estudos, a cabala foi tratada como um fenômeno histórico e religioso significativo e complexo dentro do judaísmo.

O capítulo 6, “Do Choque ao Like”, Han explora a questão da consciência e do excesso de estímulos, comum na era em que vivemos. O autor nos traz o conceito de Freud: “A consciência é a defesa dos estímulos”. Para o organismo, “proteger-se dos estímulos é mais importante que recebê-los”. Esses estímulos, ou “energias ameaçadoras do exterior”, descarregam-se em choques e cabe à consciência apará-los. Devido à hiperexposição aos estímulos, nossa consciência precisa estar constantemente ativa, e isso nos faz desaprender a usar os olhos de modo contemplativo.

É assim que o choque dá lugar ao like. Essa mudança, inclusive, se dá em nosso aparato psíquico, que antes via a superestimulação como um choque, mas que gradualmente está se acostumando a ela, o que, nas palavras do autor, “embrutece a nossa percepção”.

Chamado de “a era da Netflix”, o tempo em que vivemos é o do consumo excessivo de séries, nas quais o “espectador é engordado como gado consumidor”. O autor defende que a realidade na tela do smartphone é tão reduzida que não nos possibilita mais viver o choque. Hans usa dois artistas para ilustrar essa mudança do choque para *like*: Baudelaire, considerado como um “tipo traumatófilo”, tinha a experiência do choque como princípio poético; já Jeff Koons, cuja arte “quer abraçar o espectador”, contrapõe-se, assim, ao choque; seu lema é o *like*, o que faz dele um “tipo artístico do presente”.

No capítulo 7, “Teoria como Narração”, citando o ensaio de Chris Anderson sobre “O Fim da Teoria”, publicado na revista *Wired*, Han observa que a teoria está sendo substituída por dados diretos nesta era do *Big Data* e da inteligência artificial. As correlações são a forma mais primitiva do conhecimento; apesar disso, elas têm sido enaltecidas nos dias de hoje, em contraposição à compreensão, ao que o autor chama de “a forma mais elevada do conhecimento”. Assim, os dados não estabelecem uma relação de causalidade entre as coisas, não explicam nada, diferente da teoria como narração, que, além de criar uma ordem de coisas,

faz uma relação entre elas e ainda consegue explicar por que elas se comportam de determinada maneira, ou seja, oferecem-nos uma compreensão das coisas.

Como aponta o autor, “(...) o pensamento é, em última análise, ele próprio, uma narrativa” (Han, 2023, p. 110) que relembra grandes nomes da filosofia e da psicanálise, os quais são, na verdade, narradores: Freud, Platão, Descartes, Kant, Nietzsche. Dessa forma, Han analisa que a atual crise da narração também chegou à filosofia desde que ela começou a reivindicar ser uma ciência exata, rejeitando seu caráter narrativo originário, e isso a coloca sob risco de extinção.

A função terapêutica da narrativa é o eixo central do oitavo capítulo do livro. Ao longo dessas páginas, Han explora as potencialidades da verbalização, da escuta atenta e do toque no processo de cura.

Para compreender o poder da narração, o autor recorre à psicanálise freudiana. Segundo ele, “verbalizar o não-narrável” (Han, 2023, p. 113) pode ser um meio de se libertar da dor ou da doença. Nesse sentido, a patologia é interpretada como um bloqueio interno, decorrente da impossibilidade de expressar verbalmente determinadas experiências. A partir dessa perspectiva, Han apresenta diferentes formas de narrativa — religiosa, de crise, de fantasia e tátil — como mecanismos capazes de gerar conforto e esperança. Ao inserir a dor no passado, a narração a desloca para uma posição marginal, impedindo que afete diretamente o presente.

Além da verbalização, a escuta atenta e o toque físico também podem desbloquear narrativas reprimidas. A escuta cuidadosa permite que o outro se expresse livremente, pois, como afirma Han, “a escuta se concentra principalmente não no conteúdo que está sendo compartilhado, mas na pessoa, no quem do outro” (Han, 2023, p. 117). Para o autor, escutar com atenção é um exercício de alteridade, um momento em que quem narra se sente visto e até mesmo amado.

Por sua vez, o toque — entendido como uma narrativa tátil — possibilita a cura ao estabelecer proximidade e confiança, aliviando tensões e dissipando medos. O afago de uma mãe ou o abraço de um amigo ajuda a romper o ciclo crescente da “pobreza de contato” (Han, 2023, p. 119), um fenômeno agravado pela digitalização e pela hiperconectividade das relações sociais. Han (2023) entende que, quando privados do toque, tendemos ao isolamento e, de certa forma, tornamo-nos reféns de nossos próprios egos.

Para Han, a “crise da narração” é, portanto, uma crise da comunidade, e esse é o tema principal tratado no nono capítulo. A ausência de narrativas abrangentes e unificadoras leva à atomização dos indivíduos, à perda de referências comuns e à dificuldade de construir um “nós” coeso. A sociedade se torna uma coleção de indivíduos isolados, cada um imerso em suas próprias micronarrativas desconectadas, sem a possibilidade de compartilhar um grande relato que os una.

A ideia central de comunidade narrativa em Han é que ela está intrinsecamente ligada à capacidade de compartilhar histórias significativas e coerentes. A erosão dessas narrativas na sociedade contemporânea leva a um enfraquecimento dos laços comunitários e a uma crescente fragmentação social.

No décimo e último capítulo o autor pontua que o *storytelling* está em alta e nos passa a impressão de que estamos voltando a narrar as histórias uns dos outros. Contudo, em vez disso, o *storytelling* serve para instrumentalizar e comercializar as narrativas, “estabelecendo-se como uma eficiente técnica de comunicação” (Han, 2013, p. 129), com o objetivo de criar produtos, de engajar os consumidores e impulsionar as vendas.

Han ressalta que essa prática reduz as narrativas a slogans simplificados e fragmentados, esvaziando o potencial reflexivo e transformador de uma narrativa. Nesse sentido, a narração deixa de ser um meio de conexão humana e se torna uma mercadoria. O autor ainda destaca que há impactos na subjetividade e nas relações humanas, uma vez que essas narrativas comerciais fragmentadas promovem interações superficiais e experiências descartáveis, explorando sensações que levam apenas ao consumo. Assim, o ato de narrar é redefinido como uma ferramenta comercial, perdendo seu papel de promover a conexão humana, como o próprio autor diz: “O *storytelling*, por outro lado, conhece apenas uma forma de vida, a saber, a consumista”.

A Crise da Narração de Byung-Chul Han (2023) aponta haver uma crescente perda de narrativas coesas no mundo contemporâneo, impactando o sentido individual e coletivo. Tal ocorrência se dá pela proliferação de informação fragmentada e da cultura do *like*, que erodem a capacidade de narrar. Han dialoga com Benjamin e Sartre, mostrando como a tecnologia e o neoliberalismo transformam a narração em mercadoria, esvaziando seu poder de conexão e sentido, levando a uma crise da comunidade. O *storytelling* instrumentaliza narrativas para consumo, perdendo sua função terapêutica e de construção da subjetividade.

A repercussão categórica das obras de Han no Brasil e no mundo, principalmente em publicações de língua inglesa, é notória, tanto que encontramos várias resenhas das diversas publicações do autor. Há, em especial, críticas severas ao texto da obra resenhada em publicação de 2024 na *National Catholic Report*, revista eletrônica vinculada à igreja católica. Nesta, Rayan Carroll aponta que os argumentos de Han “(...) são apenas versões ligeiramente mais refinadas de uma tecnofobia desinformada”. Ryan Carroll, professor e, na época, estudante do Departamento de Inglês e Literatura Comparada da Universidade da Carolina do Norte, tece duras críticas ao texto ao apontar que Han faz “(...) menos um diálogo crítico e mais uma regurgitação” e que “Han evita evidências e nuances em favor de clichês superficiais”.

No Brasil, encontramos alguns textos críticos da obra de Han, como o que confronta a interpretação do filósofo sul-coreano a respeito da obra de Hannah Arendt no livro “Sociedade do Cansaço”. Contudo, fazer um levantamento de publicações críticas não é o propósito desta resenha. O intuito é apontar a ocorrência de pontos de vista discordantes que podem enriquecer o conhecimento das contribuições do autor resenhado.

Recomendamos a leitura da obra “A Crise da Narração” de Byung-Chul Han (2023), pois ela pode contribuir para o entendimento do mundo contemporâneo, para o entendimento das mudanças na comunicação e dos impactos da tecnologia. Ao dialogar com as contribuições de Walter Benjamin, Jean-Paul Sartre, Sigmund Freud, Marcel Proust, Chris Anderson, Platão, Descartes, Kant, Nietzsche, Paul Maar, Gershom Scholem, Charles Baudelaire e Jeff Koons, entre outros, em defesa de sua tese a respeito da perda de narrativas coesas no mundo atual, seus impactos nos indivíduos e na coletividade, a obra se apresenta como um convite para pensar o que nos conecta e dá significado às nossas vidas.

Referências

BENJAMIN, W. Experiência e pobreza. *In*: BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Col. Obras escolhidas. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1996, p. 114-119.

CARROLL, R. Is the information age a 'Crisis of Narration'? This book says yes. **National Catholic Report**. 2024. Disponível em: <https://www.ncronline.org/culture/book-reviews/information-age-crisis-narration-book-says-yes#>. Acesso em: 13 de out. 2023.

CASTELO BRANCO, J.; DA ROCHA, L. F. A condição humana de Hannah Arendt e os equívocos na interpretação de Byung-Chul Han. **Princípios** (UFRN. impresso), v. 26, p. 157-184, 2019.

CORBANEZI, E. R.; HAN, B. C. Sociedade do cansaço. **Tempo Social** (online), v. 30, p. 335-342, 2018.

HABOWSKI, A. C.; CONTE, E. Sociedade do cansaço [resenha]. **Crítica Cultural – Critic.** v. 13, n. 2. p. 315-321, jul./dez. 2018.

SARTRE, J.-P. **A Náusea**. Tradução de Rita Braga. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. (Coleção Grandes Romances).

Enviado em: 28/04/2025

Aprovado em: 11/09/2025